



AULAS PASSEIO PROMOVENDO O ENSINO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS NAS SÉRIES INICIAIS

Daniela Sulamita Almeida da Trindade¹

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de um projeto que buscou a realização de aulas passeio como estudo direcionado da relação entre o ser humano e o meio, nas aulas de história e ciências. As visitas orientadas ao Parque Senador Jeferson Péres e Palácio Rio Negro, aproximou os alunos da realidade da memória da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, contudo, sem deixar de problematizar a contaminação do Igarapé de Manaus e as intervenções urbanas a ele incorporadas. As aulas aconteceram em ambiente formal e não formal, envolvendo a realização de pesquisa de textos e imagens sobre os locais visitados e seu entorno. No decorrer da realização das atividades, defendeu-se o exercício de uma prática educativa em que educador e educando exercitem a construção da cidadania através da conservação de qualquer meio, como sinônimo de respeito adequado ao patrimônio natural e cultural através de ações, escolhas e condutas quanto ao uso desse meio ambiente.

Palavras-chave: Aulas passeio – estudo do meio – ensino de História e Ciências.

Introdução

A importância do ensino de ciências nas séries iniciais e nos demais níveis de escolaridade tem grande relevância à formação de estudantes que compreendem e interagem com o mundo que os cerca (LORENZETTI, 2005). O ensino de ciências e tecnologia constitui um imperativo estratégico para países que pretendam estar em condições de atender sua população. Para isto, é necessário difundir e expandir a alfabetização científica em todas as culturas e em todos os setores da sociedade (Declaração de Budapeste, 1999).

No entanto, considerando que o ensino de ciências deva garantir a transmissão de saber, cultura, e possibilitar a compreensão das relações entre a ciência, a sociedade, e os mecanismos de produção e apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos (FRACALANZA, AMARAL E GOUVEIA, 1986, p. 26-27), a conexão entre o ensino de ciências e história através de uma aula passeio ao Parque Senador Jeferson Péres, que é parte integrante do Centro Cultural Palácio Rio Negro, propiciou a uma turma de estudantes das séries iniciais, uma relação de proximidade com a realidade, com a memória e com o meio.

A aula passeio planejada para atender ao tema de memória e história, se tornou, também, a pedido dos alunos e alunas, uma profícua e vantajosa aula de ciências, que contou com os registros fotográficos, pesquisas, questionamentos e indagações que instigaram tanto educadora quanto educando a pesquisarem mais informações sobre a condição anterior do Igarapé de Manaus, que outrora, embelezava a cidade.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas UEA/ENS. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: danielasulamita@bol.com.br

Desta maneira, a possibilidade de favorecer a estes estudantes as condições necessárias para que eles atuassem como sujeitos de sua aprendizagem implicaram no fornecimento de um modelo de ensino que estimulasse a curiosidade, o espírito investigador ultrapassando a paisagem como aspecto visual para chegar ao seu significado e valor. Esta ação cooperou para uma melhor compreensão da realidade e pleno exercício da cidadania (DELIZOICOV; ANGOTTI, 1990, p. 56).

A prática pedagógica adotada nesta atividade viabilizou um momento de exposição de ideias, discussões sobre a memória e as causas da contaminação do Igarapé, coleta de registros de observação feitos por meio da visita, bem como, as implicações desta descoberta para a vida das crianças participantes. O que engendrou também, o resgate da reflexão e desvelamento sobre uma realidade dinâmica que segundo Ricoeur, está ligada “ao que os homens fazem e experimentam” (In: MORIN, 2002, p. 369), a saber, a História vivida por homens, mulheres e crianças em diferentes espaços e tempos históricos.

Em face destas realidades e desafios enfrentados pela escola para cumprir sua finalidade de formar cidadãos conscientes, por meio de uma educação que associe conhecimento, vida cotidiana e transformação da realidade, suscita-se a necessidade da conexão entre as áreas do conhecimento, bem como, a reformulação dos currículos escolares, mediante a implementação de práticas pedagógicas vinculadas a uma educação mais contextualizada às vivências socioculturais do educando.

Proporcionar a realização de aulas passeios a locais fora do ambiente escolar busca propiciar estratégias de ensino não formal que constitui um instrumento de superação da fragmentação do conhecimento (SENICIATO & CAVASSAN, 2004). Deste modo, as atividades de fotografia, pesquisas de informações e imagens e a aula passeio, ao Centro Cultural Palácio Rio Negro e ao Parque Jeferson Péres proporcionaram o contato descontraído e prazeroso do educando com o meio, através de atividades educativas repletas de experiências e vivências integradas a sua cultura e realidade.

Além da recreação, acredita-se que esses passeios favoreceram a apropriação do meio natural e social, por meio da observação e pesquisa direta da realidade que começou e continua na sala de aula envolvendo o estudo de parcelas significativas do contexto real e de suas singularidades (HAYDT, 2006, p. 198), transformando-as em conhecimento de caráter científico, com reflexões que contribuirão para a construção de uma identidade social relacionada às complexidades inerentes as vivências dos sujeitos (PCN de História, 1997, p. 27).

Mediante o exposto, o objetivo desta discussão consistiu em realizar aulas passeio como estudo direcionado da relação entre o ser humano e o meio, integrando as disciplinas de história e ciências. As visitas orientadas ao Parque Senador Jeferson Péres e Palácio Rio Negro, intencionou despertar para a valorização da memória da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, contudo, sem deixar de problematizar a contaminação do Igarapé de Manaus e as intervenções urbanas a ele incorporadas.

Novas perspectivas para o ensino de História e Ciências através do estudo do meio

Quando se trata de estudar o meio através de visitas orientadas, os espaços não formais possibilitam uma melhor organização e sistematização do trabalho do professor com visitas estratégicas. As atividades realizadas geram maior e melhor qualidade no processo de ensino aprendizagem dos conteúdos escolares, integrando a este contexto a participação do aluno com suas vivências e conhecimento.

Por mais que existam vários métodos e técnicas de aplicabilidade da educação formal e não formal, em ambientes extraescolares, estas ações não podem ser confundidas com simples passeio ou excursão, considerando que o estudo do meio emprega uma ação intencional que conjuga; sistematização, técnica e planejamento adequado por parte do professor-mediador viabilizando a conquista exitosa de seus objetivos (HAYDT, 2006).

Entendendo que o ato de “ensinar” está extremamente associado a um método, bem como, a um ato educativo e um ato político, é necessário que haja clareza “em torno de que e do quê, portanto contra quem e contra o quê, [...] a favor de quem, e do quê, [...]” (FREIRE, 2009, p. 23) um educador ajuíza a sua prática de ensino.

As propostas de ensino em geral têm apresentado os conteúdos em linhas de abordagem, que variam, desde uma perspectiva da dialética marxista, no que tange a compreensão da existência de uma sociedade classista, de realidade contraditória, ou a serviço de uma lógica intencional que distancia teoria e prática de ensino aprendizagem, e, por conseguinte, nega a historicidade dos alunos (NADAI, 1993, p.159).

Contudo, se um educador opta por ensinar história e ciências de forma isolada, sua prática denota sua opção política a favor “da formação de um tipo de ser humano “desencarnado do real” o que demonstra uma prática de conotação ingênua da educação” (FREIRE, 2009, p. 28).

Em Nadai (1993, p. 159-160) o ensino de História precisa abranger uma expressividade emancipadora, baseada na autodeterminação do educando, e na emancipação do indivíduo no seio da sociedade, de modo que, alunos e professores sejam vistos como agentes que interagem na construção do movimento social, na consciência de memória e discurso construído sobre o presente e sobre o passado.

Em Haydt (2006) o estudo de ciências por meio da observação direcionada do meio, se torna mais abrangente quando associado a outros componentes curriculares (disciplinas e áreas de estudo), pois isto auxilia os estudantes a perceberem os fatos físicos, econômicos, sociais, políticos e artísticos, de forma integrada, a realidade que os cerca.

Diante do que, detectou-se a necessidade de proporcionar reflexões com relação às mudanças proferidas no meio, pelo homem. Considerando que, o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, por isto, inevitável e presente em qualquer ato social humano no tempo e no espaço (HOBBSAW,1997).

E no tocante ao ensino de Ciências, devido sua implicação vital para o desenvolvimento das tecnologias, da indústria e economia, deve propiciar a cidadania e inclusão social, uma vez que oportunizam as pessoas a discussão, questionamento, compreensão do mundo, resolução de problemas e melhoria na qualidade de vida (UNESCO, 2005).

Durante a aula passeio e a visita direcionada os alunos puderam fotografar e discutir sobre a realidade vista no Palácio Rio Negro, Igarapé de Manaus, que atravessa o Parque Senador Jeferson Péres. Durante o passeio direcionado surgiram os questionamentos: Por que o Igarapé tem esse cheiro horrível? Quem o sujou e contaminou?

Ao saberem que o Igarapé já existia deste o século XVIII, no período de grande efervescência da comercialização da borracha e construção do Palácio Rio Negro, os estudantes perceberam que ambos faziam parte da história e podiam ser considerados patrimônios do povo amazonense. O fato de que o cidadão possui numerosas relações com algumas partes de sua cidade, e uma imagem está impregnada de significados e lembranças (LYNCH, 1988, p.11) significa que eles relembram a própria ação humana em diferentes tempos e lugares e isto também é memória.

Memória e patrimônio estão inter-relacionados, uma vez que ambos, quando acionados, aludem às reminiscências que conferem aos grupos sociais o sentido de pertencimento a uma determinada cultura e sociedade. A memória, segundo Le Goff (1996), não se refere somente à capacidade humana de reter informações, constituindo-se num processo permanente de seleção e interpretação de determinadas lembranças de fatos e acontecimentos passados.

Pensar na promoção de uma aprendizagem que favoreça tanto o âmbito formal quanto não formal requer também, a conscientização dos estudantes de que, a valorização do patrimônio cultural prescinde da relação que eles estabelecerão com o meio, no sentido de promover a sua salvaguarda, proteção, conscientização e valorização entre os membros das sociedades.

É fundamental que o aluno que está começando a ler o mundo conheça a diversidade de ambientes, modos de vida, para compreender do modo mais crítico a sua própria época e o espaço ao seu entorno, para então construir propostas e soluções para problemas de diferentes naturezas (PCN DE HISTÓRIA, 1997, p. 62). Fundamentada nesta visão, a visita a ambos os espaços pôde constituir um passeio educativo e estimulante à valorização dos patrimônios culturais, indicando a busca por alternativas para sua valorização, conservação e divulgação.

Estas atividades tornam-se cada vez mais fundamentais como forma de exercer a cidadania através da geração de atitudes e valores, exercidas por estudantes que assumam o compromisso com o bem-estar da comunidade, na preocupação com a preservação da memória, através do meio natural e cultural, como lugares que registram acontecimentos de outros tempos favoráveis a dinâmica da vida atual (PCN de HISTÓRIA, 1997, p. 44).

Resultados e discussão

No intuito de resgatar um processo de ensino-aprendizagem que integre ensino e cotidiano, conhecimento, sensibilização, reflexão e ação, o processo de ensino aprendizagem dos conteúdos, inclusive de história e ciências, precisa estar pautado no diálogo, no reconhecimento da existência de diversos saberes e em princípios de emancipação responsáveis por acionar o compromisso de transformação da ordem social vigente, de renovação plural da sociedade e de sua relação com a realidade.

As ações acima mencionadas acionam o conhecimento científico, já que exige a capacidade de observação, o processo intuitivo, a formulação do problema, experimentação e teorização, pertinentes para a produção de novos conhecimentos em relação ao meio e a situações da realidade. Esta dinâmica de ação e reflexão corrobora a uma formação científica articulada ao processo de ensino aprendizagem de história e ciências, que inclui:

Trazer uma formação científica para os jovens [...] implica [...] na introdução de práticas que articulem conteúdos técnicos e científicos a outros conhecimentos comunicacionais e procedimentais dando novos significados a ciência. [...] principalmente aproximando os princípio e teorias aos objetos que intervêm experimentação (MOURA, 2012, p. 41).

Posto que o ensino de história e ciências seja vivenciado a partir da curiosidade e investigação, aproveitei os conteúdos de ciências intitulados: “Percebendo o ambiente e saneamento” os conectei ao conteúdo de história: A cidade, e prossegui na realização de algumas atividades diferenciadas que incluíram: a aula passeio direcionada ao Palácio Rio Negro e Parque Senador Jéferson Péres, onde foi visualizado o Igarapé de Manaus.

As crianças disseram nunca haver estado nestes locais em outras ocasiões e isto trouxe à pauta a questão da baixa interação, distanciamento e deslocamento de crianças e jovens em relação à vivência com o espaço urbano e com os patrimônios de sua cidade. A autora Maria Weber Alves (*apud* Del Rio, 1999, p. 164) afirma que as crianças de classe média e alta estão afastando-se das ruas, enquanto que as crianças das classes populares convivem de forma mais intensa com os ambientes externos a casa. A visão da cidade se distanciou e se imiscuiu ao que é visto das janelas dos carros durante o percurso para a escola, ao condomínio e ao shopping.

A primeira atividade educativa realizada contou com uma aula passeio aos patrimônios estudados e posteriormente partimos para a pesquisa e debate sobre os locais e as problemáticas observadas pelos alunos, tais como: o odor, a cor escura e o aspecto desagradável do Igarapé de Manaus identificado pelas crianças durante o passeio dirigido.

Vale ressaltar que, o igarapé de Manaus nasce no bairro da Praça 14 de Janeiro entre as avenidas Barcelos, ao Norte, Nhamundá, ao Sul, Getúlio Vargas, a Oeste, e Rua do Moco, a Leste, recebendo carga de esgoto em todo o seu percurso, principalmente nas proximidades do centro urbano da cidade de Manaus, onde suas margens foram inteiramente tomadas por barracos e palafitas, e as águas

apresentam cor preta, devido à grande quantidade de chorume que recebem o que provocou forte degradação ambiental (GUIMARÃES, 2002).

Dando continuidade a segunda etapa do trabalho que foi realizada em sala de aula, os estudantes e a professora passaram a pesquisar e manusear mapas, textos e imagens de diferentes momentos históricos do Igarapé de Manaus. O período da administração de Eduardo Ribeiro, em 1896 foi marcado pela intensa geração de divisas recorrente da borracha. Dentre as profundas transformações ocorridas nos terrenos de Manaus estão à construção das pontes “romanas”, sobre os igarapés de Manaus e do Bittencourt, ladeando o Palácio Rio Negro, como mostra a figura 1.

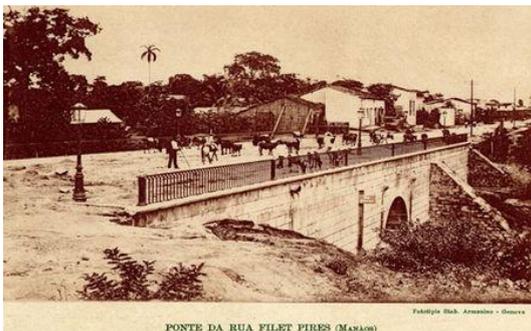


Figura 1: Igarapé de Manaus. Obra de Miguel Ribas

Fonte: <http://acritica.uol.com.br/manaus>



Figura 2: Palácio Rio Negro

Fonte: <http://www.portalamazonia.com.br>

A época da borracha foi uma das fases mais prósperas para o Estado e a modernidade foi traduzida na cidade pela substituição: “[...] a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes [...]” (DIAS, 2007, p.27). Este período gerou a construção de avenidas e prédios, como é o caso do Centro Cultural Palácio Rio Negro, na figura 2, construído pelo barão da borracha Valdemar Schultz, acabou se tornando um símbolo deste momento histórico. Hoje é um patrimônio cultural do Estado do Amazonas (PORTAL AMAZÔNA, 2014). A modernidade foi traduzida na cidade pela substituição: “[...] a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes [...]” (DIAS, 2007, p.27).



Figura 3: Igarapé de Manaus em 1971

Fonte: <http://cafehistoria.ning.com>

Na figura 3 que remete ao ano de 1971, já é possível perceber a existência de palafitas e barracos a beira do Igarapé de Manaus. Esta imagem gerou um comentário quase unânime entre os alunos, de que as pessoas que habitavam nestas moradias foram os culpados da poluição, devido despejarem “dejetos e lixo” no Igarapé.

Neste momento eu intervi, como educadora e mediadora do processo de ensino-aprendizagem, colocando em pauta na discussão, a questão da carência de vários

serviços públicos de qualidade na área de emprego, educação, projeto de urbanização, saneamento básico e a desigualdade que levou as pessoas a morarem na beira do Igarapé de Manaus. É importante destacar que não foi somente a falta de opção por moradia que levou as pessoas a ocuparem as margens dos canais fluviais urbanos. Agregada às questões financeiras, em alguns casos, há uma relação mais simbólica, pois, muitas pessoas desenvolveram certa identidade com as proximidades destes locais (JÚNIOR e NOGUEIRA, 2010).



Figura 4: Igarapé de Manaus já canalizado.
Fonte: <http://marcosocosta.wordpress.com>

No ano de 2003, na administração de Eduardo Braga, os problemas ambientais referentes aos Igarapés de Manaus ainda eram latentes. Assim, com o “objetivo” de melhorar a vida das pessoas, tanto inseridas nos igarapés quanto residentes nas proximidades dos canais alvos das intervenções foi implantado o PROSAMIM-Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (AMAZONAS, 2014). O Igarapé de Manaus foi o primeiro a ser o programa e a revitalização **[figura 4]**. Estima-se que o programa contemplará diretamente cerca de 21.000 famílias totalizando 105 mil pessoas.

As obras de intervenção intencionam ainda promover a canalização, dragagem dos canais fluviais urbanos, fazer a retirada de casas tidas como obstáculos para o processo de drenagem das águas dos canais, remoção de lixo, desobstrução do canal dos igarapés e, sobretudo, a construção de pontes destinadas à passagem de pessoas de uma margem para outra (AMAZONAS, 2014).

Entretanto, eu optei por trabalhar a história e ciências numa perspectiva dinâmica, problematizadora que buscou aproximar os alunos de sua realidade cultural outrora despercebida. E como menciona Albuquerque:

O conhecimento histórico é perspectivista, pois ele é também histórico e o lugar ocupado pelo historiador se altera ao longo do tempo. Nem sempre se faz a história do mesmo jeito [...] a história se faz de uma metanarrativa a partir de um sujeito de discurso (2007, p. 61)

Buscando este resgate de conexão entre ensino e experiências significativas fundamentais para o desenvolvimento da pessoa, surge como possibilidade, apoiar-se em propostas que apliquem o conceito de educação não formal como um diferencial e uma alternativa eficiente para a escola, considerando que este é um

conceito que defende o aprendizado livre e compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GONH, 2005).

A importância destes aspectos operacionais de investigação histórica os debates são direcionados por seleção de fontes, cruzamento de saberes, engendra as técnicas de leitura, análise e interpretação das fontes históricas suscitando a investigação já que se utiliza de critérios teórico-metodológicos.

A atividade que envolve o aluno com emersão na sua história local, seja uma aula passeio ou a pesquisa do meio pode instigar o aluno a mergulhar na comunidade da qual faz parte, criando sua própria historicidade e identidade (SCHIMIDT, CAINELLI, 2004, p. 113), ajudando-o a identificar o passado sempre presente nos vários espaços de sua convivência na escola-casa-trabalho e lazer, e igualmente por situar os problemas significativos da História no presente (BITTENCOURT, 2004, p.68).

Ainda em Cavalcante (2002, p. 397) a modalidade de ensino não formal pode ser exercida em variados espaços da vida social, com metodologias, componentes e formas de ação diferentes da formal, por ser realizada fora da sala de aula e da escola, em espaços públicos e privados, todavia seguindo objetivos, princípios metodológicos e periodicidade claramente definidos.

Deste modo, nossas aulas de história e ciências que envolvera os debates sobre o Prosamim e a poluição do Igarapé de Manaus apoiada engendraram enriquecimento, valorização e sensibilização por meio da observação, descoberta e constatação da realidade, a partir da experiência concreta, percepção ativa e contextualizada com os conteúdos escolares.

Considerações finais

Urge a necessidade de elaboração de uma proposta educativa comprometida com metodologias que favoreça um ensino pautado na discussão inovadora, sob a qual se propõe novas formas de ver o mundo. Entendendo que a possibilidade de mudar o mundo faz parte de nossa existência, ao buscarmos a alternativa de mudar o mundo, corremos o delicioso risco de mudar junto com ele, buscando um maior comprometimento com a construção da cidadania.

Durante a realização das atividades percebeu-se que o espaço urbano é modificado, sem considerar as vontades, os sentimentos ou anseios das pessoas que com ele interagem. O estudante que mora na cidade e usufrui dela, não se reconhece como produtor do espaço urbano, deixando de assumir sua identidade.

Proporcionar o protagonismo destes sujeitos na geração de novos conceitos sociais e éticos implica em valorizar: “o patrimônio sócio cultural, bem como o reconhecimento dos elementos do passado no presente, projetando a sua realidade” (PCN de História, 1997, p. 44).

A realização das aulas passeio além de propiciar uma inovação das estratégias metodológicas do processo de ensino aprendizagem, incentiva o protagonismo de crianças, jovens e adultos na contribuição para a melhoria na qualidade de vida de sua comunidade, percorrendo o caminho na direção de pesquisas e estudos

pautados na reflexão-ação-reflexão com a finalidade de influenciarem concretamente no mundo em que vivem.

Portanto, a aula passeio instigou os alunos a observarem melhor o cenário de uma problemática da poluição de um Igarapé como uma questão ambiental-história da cidade de Manaus. Esta pesquisa estendeu-se para a comparação de informações de diferentes fontes bibliográficas e documentais, e interpretarem e investigarem os diferentes elementos que compõe o seu cenário local, regional, nacional e o mundial, desvendando-os e reconstruindo-os de maneiras mais complexas.

Referências

AMAZONAS. PROSAMIM. Disponível em:

<http://www.prosamim.am.gov.br/programas_01.php> Acesso em: 28 Ago2014.

ALBUQUERQUE, J.D.M. **História: a arte de inventar o passado**, Bauru, SP: Uduisc, 2007.

BITTENCOURT, C.M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília, Mec/Sef, 1997.

Declaração de Budapeste. Marco geral de ação. 1999. Disponível em: <http://www.unesco.org/science/wcs/esp/declaracion_s.htm>. Acesso em: 28 Ago. 2014.

DEL RIO, V. (org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, A. **Metodologia do Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 1990.

DIAS, E. M. **A Ilusão do Fausto: Manaus 1890- 1920**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

FRACALANZA, H.; Amaral, I.A.; Gouveia, M.S.F. **O ensino de ciências no primeiro grau**. São Paulo: Atual, 1986.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOHN, M. G. **Educação não formal: participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>>. Acesso em : 20 Ago. 2013.

GUIMARÃES, Pedro Ivo S. **Estudos Geoquímicos de Metais Pesados nos Igarapés da Cidade de Manaus e Praia da Cidade de Barcelos, Estado**

Amazonas, Brasil. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Amazonas – Manaus, 2002.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral.** 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOBBSBAUWM, E. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

JÚNIOR, W. R. C.; NOGUEIRA, A. R.G. De Eduardo a Eduardo: A cidade sobre os Igarapés. **Revista Eletrônica Aboré** - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo Manaus - Edição 05 Dez/2010.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1996.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MORAN, J. M. **Os desafios de educar com qualidade.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/qual.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2013.

MOURA, M. A. **Educação científica e cidadania:** abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis. Belo Horizonte: UFMG, PROEX, 2012.

NADAI, E. **O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva.** In: RBH 13/25-26, set. 1992 a ago. 1993, 143-162.

PORTAL AMAZÔNIA. **Palácio Rio Negro é referência na história do Amazonas:** O palacete foi construído no início do Séc. XX e já recebeu Governadores, Chefes de estados e outras personalidades importantes para o Estado. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/cultura/turismo/palacio-rio-negro-e-referencia-na-historia-do-amazonas/>>. Acesso em: 29 mai. 2014.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. **Aulas de Campo em Ambientes Naturais e Aprendizagem em Ciências:** Um estudo com alunos do Ensino Fundamental. Ciências e Educação. v.10. n.1, 2004.

SILVEIRA, L.S.; ALVES, J.V. (2008). **O uso da fotografia na educação ambiental:** tecendo considerações. Pesquisa em educação ambiental, 3 (2), 125 – 146.

SCHIMIDT, M.A.; CAINELLI, M. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione, 2004 (Pensamento e Ação no Magistério).